

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Vaqueiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 258-260. ISBN: 972-774-133-9.

Vaqueiro.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Campino, Com novilhos, Com touros, Com vacas, Criado das vacas turinas, Encarregado da vacaria, Garraieiro, Guarda de touros, Guarda de vacas, Guarda rezes, Guardador de vacas, Maioral das vacas, Maioral dos Vaqueiros, Mancebo de vacas, Novilheiro, Pacote, Vaqueira.

O *Vaqueiro* guarda e apascenta as reses bovinas. Distingue-se claramente do **Boieiro***, pois este conduz os bois de trabalho na lavoura, enquanto o Vaqueiro guarda todo o gado vacum destinado à produção de leite ou à engorda para carne. No Minho também se chamava *Vaqueiro* ao **lavrador*** de “reconhecida e comprovada honradez” a quem se entregavam os gados comunitários para vigiar, guardar e apascentar (S. Romão, 1902).

Este termo encontra-se desde a Idade Média na Figueira e Barros, em 1269 (Saraiva, 1997), em Évora, em 1280 (Pereira, 1885), com as grafias *Vaqueiro / Vaqueyro*, e em 1290 (Chancelaria de D. Dinis) e Entre-Tejo-e-Guadiana, em 1362 (Chancelaria D. Pedro, RAU, 1982). Nos Forais Manuelinos está presente em sete localidades do norte de Portugal entre 1512 e 1515. Em 1549 encontrou-se um vaqueiro escravo em Évora (Fonseca, 1997). Os Livros de Décimas também incluem vaqueiros, com as grafias *Vaqueiro / uaqro* (Avis, 1716-1822) e a variante *Guarda rezes* (Monsaraz, 1789, in Rocha, 1994). Nesta fonte foi possível verificar que esta profissão habita maioritariamente no termo das vilas, de preferência nas herdades onde trabalham. Apurou-se ainda a possibilidade de uma certa mobilidade horizontal no interior de uma lavoura: um certo Valentim que era *Boieiro* no campo em 1821, no ano seguinte era *Vaqueiro*. Quanto à mobilidade vertical, nos livros de lavoura estudados encontraram-se diversas categorias que nos permitem hierarquizar esta profissão: cronologicamente, a primeira fase é a do jovem *Ajuda de vacas* ou *Ajuda do maioral das vacas* (Lavoura de Palma, Alcácer do Sal, 1872-82, ver **Ajuda de Gado***), em geral um adolescente. A Lei da Almoçaria de 1253 refere a categoria de *Mancebo de vacas* (Marques, 1981). Este termo medieval deixou de ser usado, mas estaria certamente ao nível do ajuda. Segue-se o *Criado das vacas turinas* (Almeirim, 1922-

1923), o *Garraieiro* (Lavoura de Lopes de Azevedo, Avis, 1915-19), e o *Novilheiro*, que na Lavoura de Palma em 1889 está referido na categoria de *Com novilhos*. Todos estes guardas de gado vacum jovem, como os garraios, os vitelos, os bezerros e os novilhos estavam subordinados ao *Vaqueiro* ou *Maioral das Vacas*, e existiam apenas quando era necessário separar as rezes. Segundo Silva Picão, o *Novilheiro* “Trata exclusivamente da apascentação dos novilhos, se estes são tantos que não convem trazê-los na vacada ou boiada, o que só sucede nas lavouras muito grandes. Nestas mesmo, algumas há onde semelhante ocupação dura apenas alguns meses” (Picão, Elvas, 1903).

O *Vaqueiro* encontra-se em várias das lavouras estudadas, como por exemplo a de Parreira Cortez, em Serpa, 1866; Barroca d’Alva e Rio Frio, Alcochete, 1872 e Lopes Azevedo, Avis, 1915-19. Está ainda presente nos recenseamentos eleitorais (Avis, 1941-1964). Tem as variantes de *Guarda de touros* e *Guarda de vacas*, *Com touros* e *Com vacas* (Lavoura de Palma, 1881-89) e de *Guardador de vacas* (Leite de Vasconcelos, 1933). O seu superior é o *Maioral das vacas*, termo encontrado na Figueira, em 1269 (Saraiva, 1997), em Évora, em 1280 (Pereira, 1885). Está presente nas lavouras de Lopes Azevedo (Avis, 1915-19), com a grafia *moural das vacas*, e Almeirim (1920-1928), com a grafia *Maioral das vaccas*. Pode também haver ainda categorias hierarquicamente superiores a todas estas: o *Maioral dos Vaqueiros* (Silva, 1868) e o *Encarregado da vacaria* (Albernoa, 1974, in PIRES, 1991). O maioral dos vaqueiros dirige o trabalho dos vários vaqueiros que acompanham os animais às pastagens, enquanto o encarregado da vacaria dirige os trabalhos da ordenha das vacas que estão estabuladas.

Contrariamente ao que acontece no Norte, onde as mulheres também se ocupam do gado vacum e as que guiam os bois são conhecidas em Tabuaço pelo nome de *paquete* (Simões, 1992), no Sul Esta profissão é exclusivamente masculina, não se encontrando nas fontes consultadas qualquer referência a vaqueiras. E mesmo os vaqueiros têm uma expressão reduzida no conjunto da lavoura alentejana, o que demonstra o peso diminuto do gado bovino nesta região até meados do século XX. Pelo menos entre 1847 e 1956 nos livros de doentes do Hospital da Misericórdia de Avis os vaqueiros representam apenas 7% dos **Ganadeiros*** lá representados, atrás dos **Porqueiros*** com 39% e dos **Pastores*** de ovelhas e os **Cabreiros***, com 27% cada.

No Ribatejo existe a categoria do *Campino* (Samora Correia, 1790, *in* Nazareth, 1988), um dos criados das grandes casas ganadeiras ribatejanas, cuja especialidade consiste em guardar o gado bovino e equino. É descrito por Leite de Vasconcelos (1933) e em várias fontes literárias, como por exemplo o romance *Barranco de Cegos*, de Alves Redol. O campino utiliza o cavalo como meio de transporte ao acompanhar as manadas pelas lezírias e leva consigo uma vara comprida e afiada, o pampilho, para dirigir os touros. Tem um vestuário típico, composto por uma jaqueta e calções escuros, um barrete verde e um colete encarnado. Existe mesmo a *Festa do Colete Encarnado* em Vila Franca de Xira. Calça meias brancas de renda e sapatos com saltos, com os quais executa uma dança característica, o *Fandango*. Esta dança existe em Espanha, na Andaluzia, e, em Portugal, no Alentejo e na região saloia. No entanto, o fandango mais típico é o do Ribatejo, dançado unicamente com os pés que executam um jogo de sapateado bastante rápido, enquanto o torso e os braços se mantêm imóveis, com os polegares a segurarem o colete. Esta dança é uma afirmação de virilidade, pois demonstra força, agilidade e resistência perante os restantes elementos do sexo masculino, ao mesmo tempo que pretende impressionar o sexo feminino. Personagem característica das Lezírias e dos “nateiros ubérrimos que marginam o Tejo desde Alhandra até aos campos da Chamusca e da Gollegan”, o *campino* “deixaria de ser o que é (...) sem a manada de toiros que lhe coube em sorte guardar como inseparáveis companheiros, e aos quaes elle dedica verdadeira afeição como a pupilos queridos que lhe constituíssem família própria” (Cunha, s/d).